

De quase nada
se faz um poema

Hildeberto Barbosa Filho



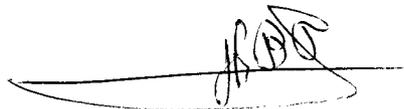
ideia

“Hildeberto Barbosa Filho amadurece e endurece recorrendo às raízes. Sua poesia de agora espelha o sol inclemente do Cariri que parece queimar mais plantas que nascem de pedras por acaso do que participar da urdidura da clorofila. À medida que o tempo passa, ele descobre na aspereza cinzenta de sua paisagem de origem, além da feiúra aparente, uma beleza secreta, para iniciados, que ele passou a apreciar assim como também passou a celebrar como poucas vezes as profundezas do silêncio de estepes sem vento. {...} É como se a forma desdissesse o conteúdo e a respiração cortasse o soluço. O luxo do verso abundante, quase um discurso a interromper a matraca, reforça pelo avesso a pregação permanente da ideologia da escassez, que nos leva na obra poética dele à exposição da carência como forma de verter até a última gota de vinho amargo no cálice da paixão. {...} Este livro é para ser lido vagarosamente. Quando o leitor acaba, foi tudo muito rápido. Mas aprenda que brevidade nada tem a ver com facilidade. Ela também se conquista com a experiência. Experimente reler e, depois, repita. Faça-o à exaustão. Aprenderá, como eu, que só então sentirá o peso de cada palavra e a verá gotejar na segura alva da página impressa”.

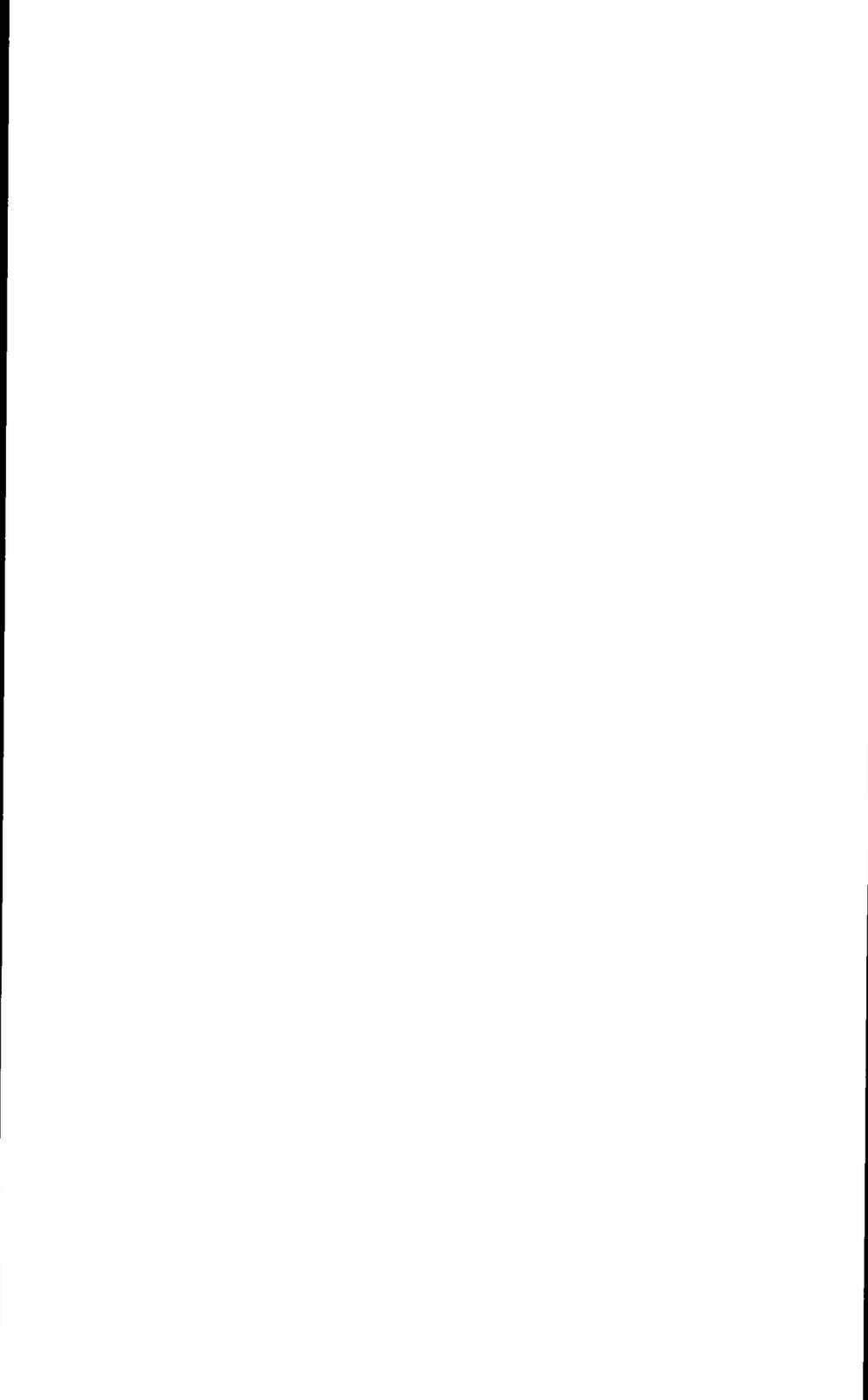
José Nêumanne Pinto, em Apresentação
ao livro *Dançar com facas* (2016)

De quase nada
se faz um poema

Quem o fez
foi o poeta,
Seus olhos,
sua visão,
sua alma.



(14/11/22)



*De quase nada
se faz um poema*

Hildeberto Barbosa Filho

Ideia • João Pessoa • 2022

Todos os direitos e responsabilidades sobre os textos são do autor.

Capa/Diagramação: Magno Nicolau

Revisão: Hildeberto Barbosa Filho

Foto do autor: Antonio David

Ilustração da capa

A persistência da memória, de Salvador Dali

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

B238q Barbosa Filho, Hildeberto.
De quase nada se faz um poema / Hildeberto Barbosa
Filho. - João Pessoa: Ideia, 2022.
85p.

ISBN 978-65-5608-232-5

1. Literatura brasileira – poesia. 2. Poesia brasileira. 3.
Escritor paraibano. I. Título

CDU 82.94

Ficha Catalográfica elaborada pela Bibliotecária Gilvanedja Mendes. CRB 15/810

ideia
EDITORA

www.ideiaeditora.com.br

contato@ideiaeditora.com.br

Poesia

Também não gosto.

Lendo-a, no entanto, com total desprezo, a gente
acaba descobrindo nela, afinal de contas, um lugar
para o genuíno.

(Marianne Moore)

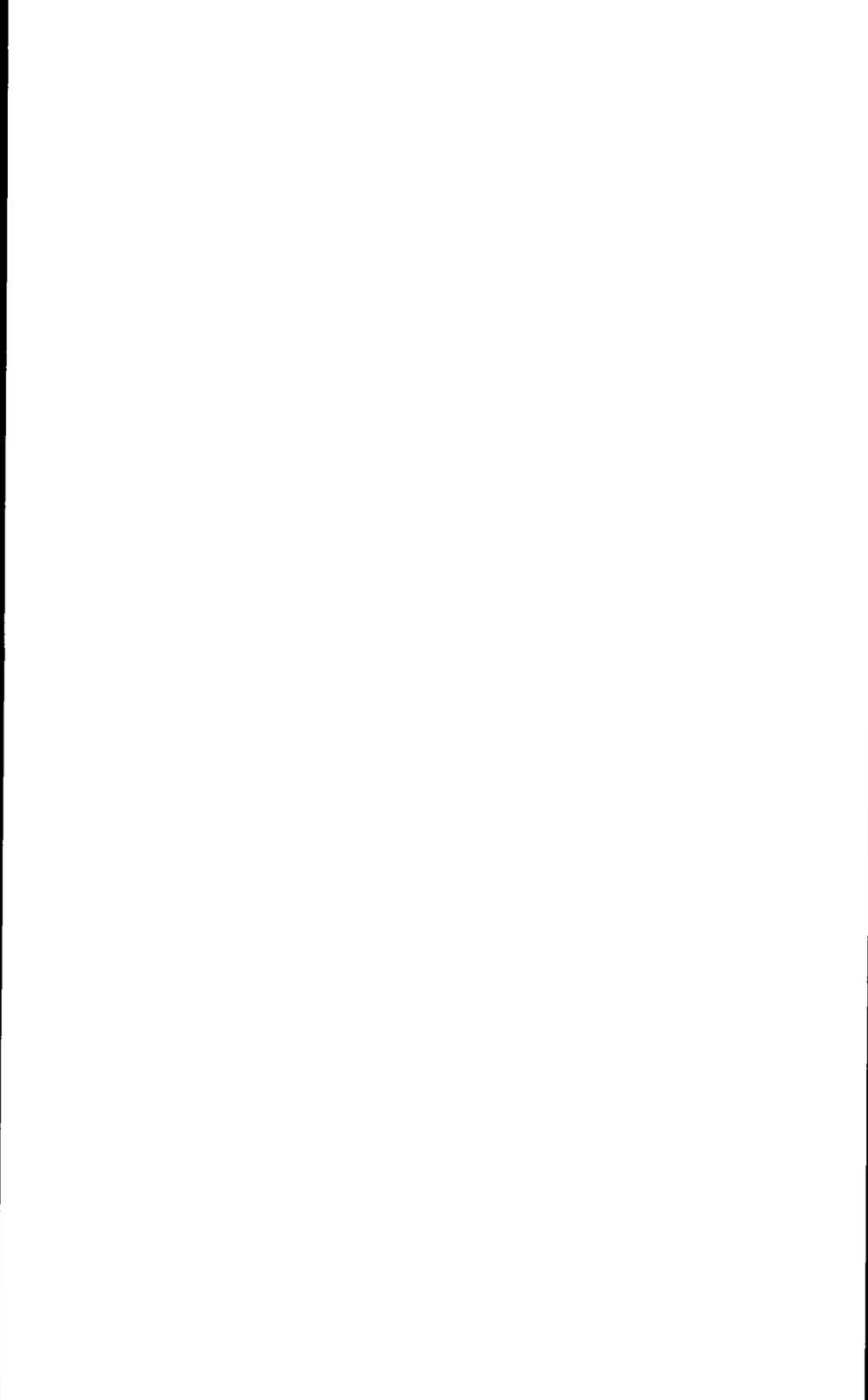
Para nós, a terra é nua e plana.

Não há sombras. A poesia

Mais do que a música há de ocupar

O vazio de um céu sem hinos.

(Wallace Stevens, de "O homem do violão azul")



Sumário

Confissões do poema, 9

Planilhas para o poema

Dedicatória, 33

Epígrafes, 35

Sumário, 36

Declaração, 37

Laudo, 38

Oração, 39

Anúncio, 40

Carta de vinhos, 41

Epitáfio, 42

Requerimento, 43

Cardápio, 44

Dez poemas no mesmo tom, 45

Leituras

Nauro Machado, 55

Shopenhauer, 56

Kafka, 57

Rilke, 58

Baudelaire, 59

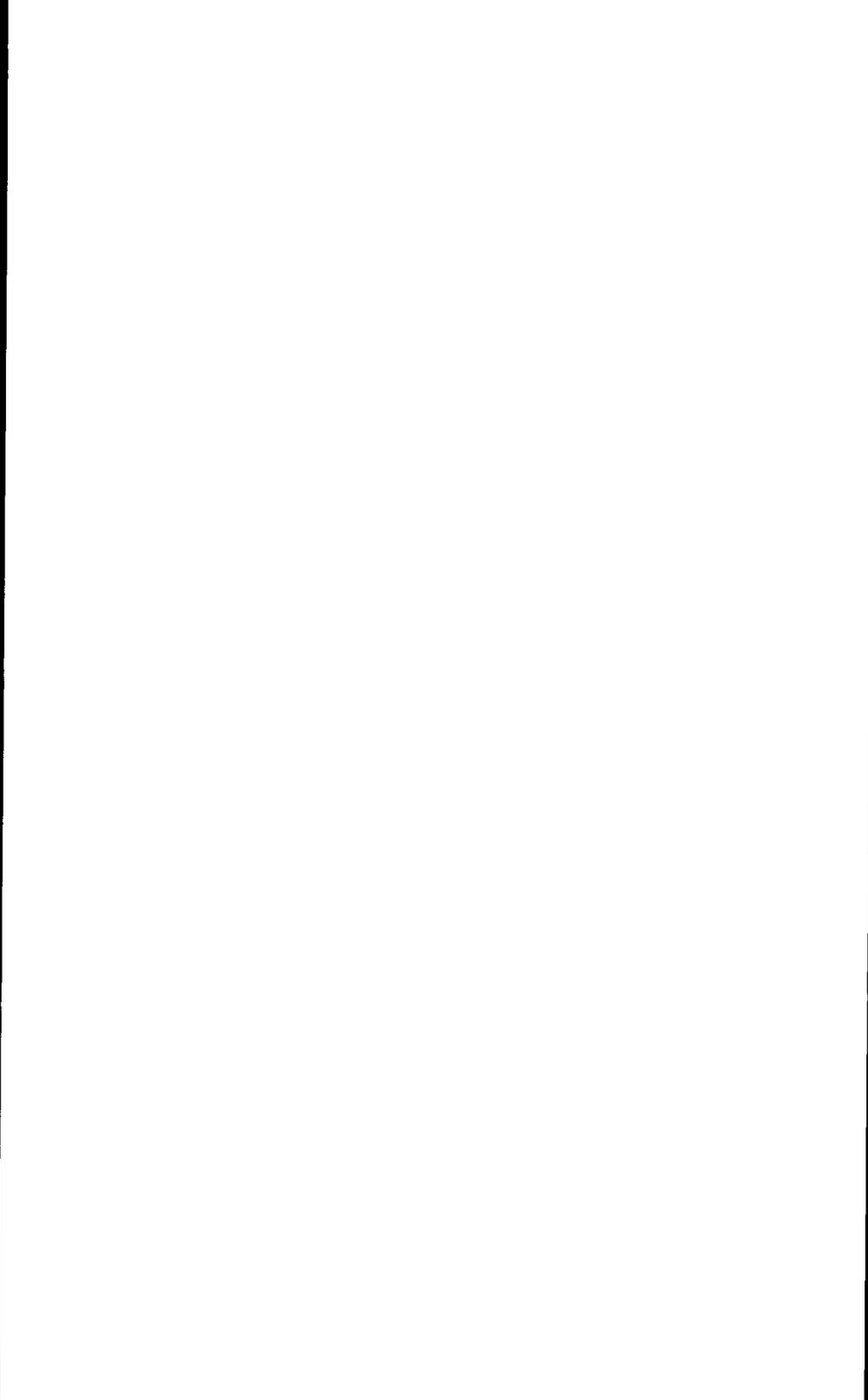
Augusto, 60
Bandeira, 61
Heidegger, 62
Virgínia Woolf, 63
Joan Baez, 64
Cesária Évora, 65

Outros poemas

Modernidade, 69
Terra áspera, 70
Memória, 71
Para que serve o poeta, 72
Por que és um homem, 73
Academia, 75
Sinais, 76
Meditação, 77
Raízes, 79
Comédia, 80
Niilismo, 82
Poema I, 83
Poema II, 84
Poema III, 85



Confissões do Poema



1

Descansa
nas ondas do mar
o meu silêncio,
assim de leve
para não tocar
o pavor dos peixes.

2

Como um rio
também se veste
de terceira margem,
o céu
se abre e se fecha
nos meus olhos.

3

Bordo
as pétalas da poesia
entre cardos e rosas.
Cada beija-flor
se faz poema
nas cores da manhã.
O vento me despe
no infinito.

4

Voo
e alto voo,
palavra/pássaro,
sobre o espelho
das águas.
Voar é sonhar
no meio do vento.

5

Na leveza da pele
a música se faz
mínima carícia.

6

Não seria a poesia
uma fábula da alma?
Um corpo móvel
na eternidade?

7

A beleza
tem gosto de jasmim.
A palavra
silencia no sangue.

8

Poemas
são campânulas,
sépalas
soltas no deserto.
Cada verso, um incêndio,
um êxtase em cada coisa
que nasce.

9

Minhas rotas
têm salitre e luz.
Madeiras de ouro
sustentam o vazio
das viagens.
Perto do farol,
o pânico dos navios.

10

Viver é naufragar!

11

Escuto
ciclones no sol
elipses abruptas
neblinas de neve
áticos labirintos
lágrimas de sílex
metais, melodias
relâmpagos.

12

Feito
de moléculas
também sou corpo.
Células na alma
me fazem expandir
o tecido palpável.
Só me movo
se me tocam as notas
do desejo.
Só reino no irrealizável.
Meu júbilo, as ruínas!

13

Veze

sou aurora
desnuda.

Lençóis naturais
me cobrem
a pele de lâminas
arcaicas.

O tempo me penetra
a medula,
ávida, a vida arde
dentro de mim.

14

Não tenho nome.

Caligrafia nenhuma
me limita.

Ária, aço, íris
formam o teorema
do meu destino.

Nunca sou perfeito.
Meu verso é vertigem.

15

Leite e lodo
se concentram
no meu círculo.
Síbilas, caligramas,
salamandras se mesclam
na língua que falo.

16

Metáfora
ainda é pouco
para o tear do sentido.
Algoritmos, signos,
redes, telas, nada
tem o espanto
que é só meu.
Sou princípio,
incerteza.

17

Eis
o que digo.
Passo.

18

Faço-me
petite mort,
a língua que arranha
o limo dos lábios
e adormece.

19

Sou
como a vida
e exijo reparos.
A perfeição
não me protege.
Não tenho
nenhuma garantia.

20

Sei
muitas coisas
nas minhas antíteses.
Posso ser completo
no meu ritmo.
O que me nutre
é a angústia de saber:
nunca serei feliz.

21

Uso palavras,
mas não sou ungido.
Não ousou lecionar
dogma nenhum.
Meu verso é raiz
da loucura.

22

Se plasmou
o mundo, sei
da viagem e da guerra.
Nunca teremos paz.

23

Também
sou feito de barro
e sangue.
Minha carne dói
dentro do deserto.

24

Cada
sílabo pede
um fio de esperança
que resista
à minha música
interior.

25

Espaço
indeterminado.
Estrutura ausente.
Forma quântica,
sou linguagem
que pode explodir.

26

Veze
me vejo sob os trilhos
do trem,
à Ana Karenina.
Em outras
me entupo de gás,
à Sylvia Plath.
Me mato em mim mesmo,
antes da primeira sílaba.

27

Sou feito
de relâmpagos.
A chuva cósmica
me lava os fonemas.
Depois, no meu campo
lavrado,
deixo-me levar
pelos girassóis.

28

A letra lúdica
vezes me atrai
o cristal das horas.
Meu vocabulário
não tem destino.
Tudo fala e tudo cala.

29

O meu coração
é um vulcão extinto.
Larvas de vingança
e de benevolência escorrem
de cavernas estagnadas.

30

Persigo
a beleza como quem
persegue a origem.
Sem beleza, o que sou?
Rascunho, epitáfio,
vertigem.

31

Quando imaginam
que acabei,
renasço das cinzas
da palavra
como um rei enlouquecido,
a exumar o perfume
das coisas.

32

Já fui pura forma.
Já fui substância única.
Medida exata, desvario
como um rio.
Um fio a costurar
a água da terra,
as areias do mar.

33

A flora me seduz.
A fauna me assusta.
Aspiro o reino mineral,
seus critérios vitais,
seu brilho dividido.
Estou ali,
onde se esconde
o perdido.

34

Ora saio com a tristeza
e seus dotes essenciais.
Ora solfejo a alegria
e seus logros letais.
Ora acerto em cheio.
Ora erro, e quando erro,
me acerto por inteiro.

35

Chove lá fora.
Águas se misturam
dentro da imagem
que me revela.
Também tenho
meus tempos nublados,
minhas horas frias,
meu livro da agonia.

36

Solidão
é meu modo de ser.

37

Sei
como interrogar
e atrair.
Detenho
a lógica de tudo,
sem soberba.
Meu poder é amar.

38

Não
vivo de troféus,
a não ser
os ossos da palavra
que pesam
na leveza de ser.

39

Faço
minha travessia
por entre verbos,
coisas e bichos.
De um lago
retiro a espátula
da alma.
Da terra,
rituais e oferendas.

40

Também
envelheço no ritmo
que diminui,
na fadiga de querer
tanto.

O espanto
que me move
paralisa a melodia
das coisas.

Inerte,
sou silêncio e clausura.

41

Há labirintos
no meu jeito de ser.
Insólitas tatuagens
saltam de meu corpo.
Signos de luz
me levam longe.

42

Um pardal pousa
no fio da rede elétrica.
A tarde se veste
com a tristeza de sempre.
A noite chega
com seus cães de olhos
amarelos.
Também estou por ali.

43

É só me fitar
com olhos de pêssego
sangrando na noite
que, trêmulas,
as elipses me comprimem.

44

Preso
a certas regras
como todo ser vivo.
Cheio de limites,
porém, indomável
e livre
é a minha natureza.

45

Meu território
é do meu tamanho.
Seus mapas se fecham
por dentro de mim,
mas se abrem para o mundo,
para os enigmas do mundo.
Basta a primeira palavra,
e renasce o mistério.

46

Veze
me deixo tocar
pelo malassombro
dos espantos.
Alguém se matou,
e a poesia estava ali.
Talvez o crime
não seja perfeito.
Eu nunca sou,
até porque não sou.
Apenas me invento
me refazendo.

47

A mim
me apraz brincar
de sons e silêncio
no ermo de minha alma,
na multidão de meu corpo.
Tenho o meu Deus.
Sou minha natureza.
Viajo por dentro de mim
e escuto o murmúrio
do mundo.

48

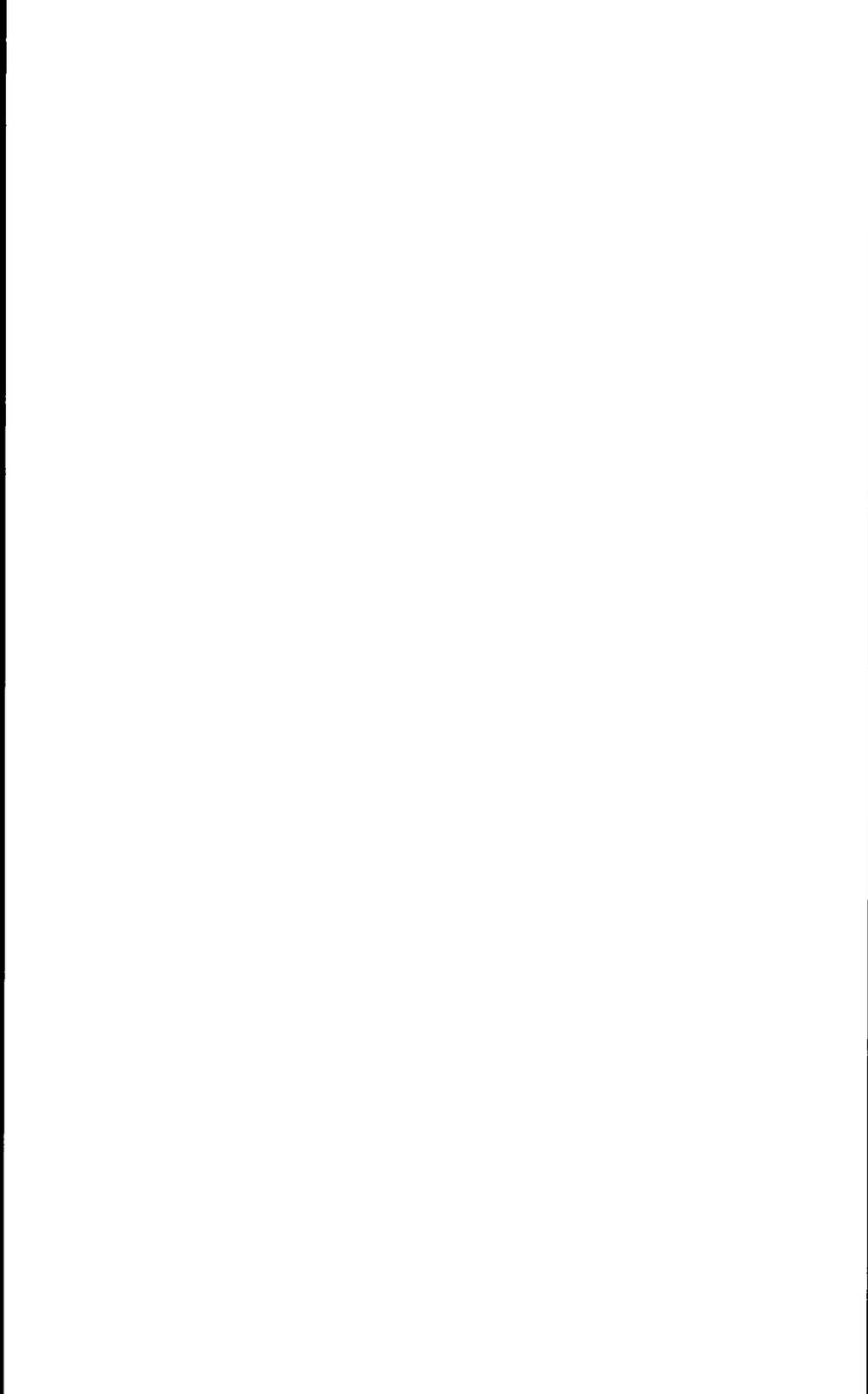
Tive de vir para a nuvem
onde tudo cabe e se perde.
Tudo se vê pela internet.
Ali me disperso por inteiro.
A poesia passa, lenta,
como a tartaruga das estrelas.

49

Minha água queima,
meu fogo gela,
minha terra é leve
e fluida.
O ar me tem
no que pesa
e alucina.
Meu percurso
é interminável:
começa aqui.

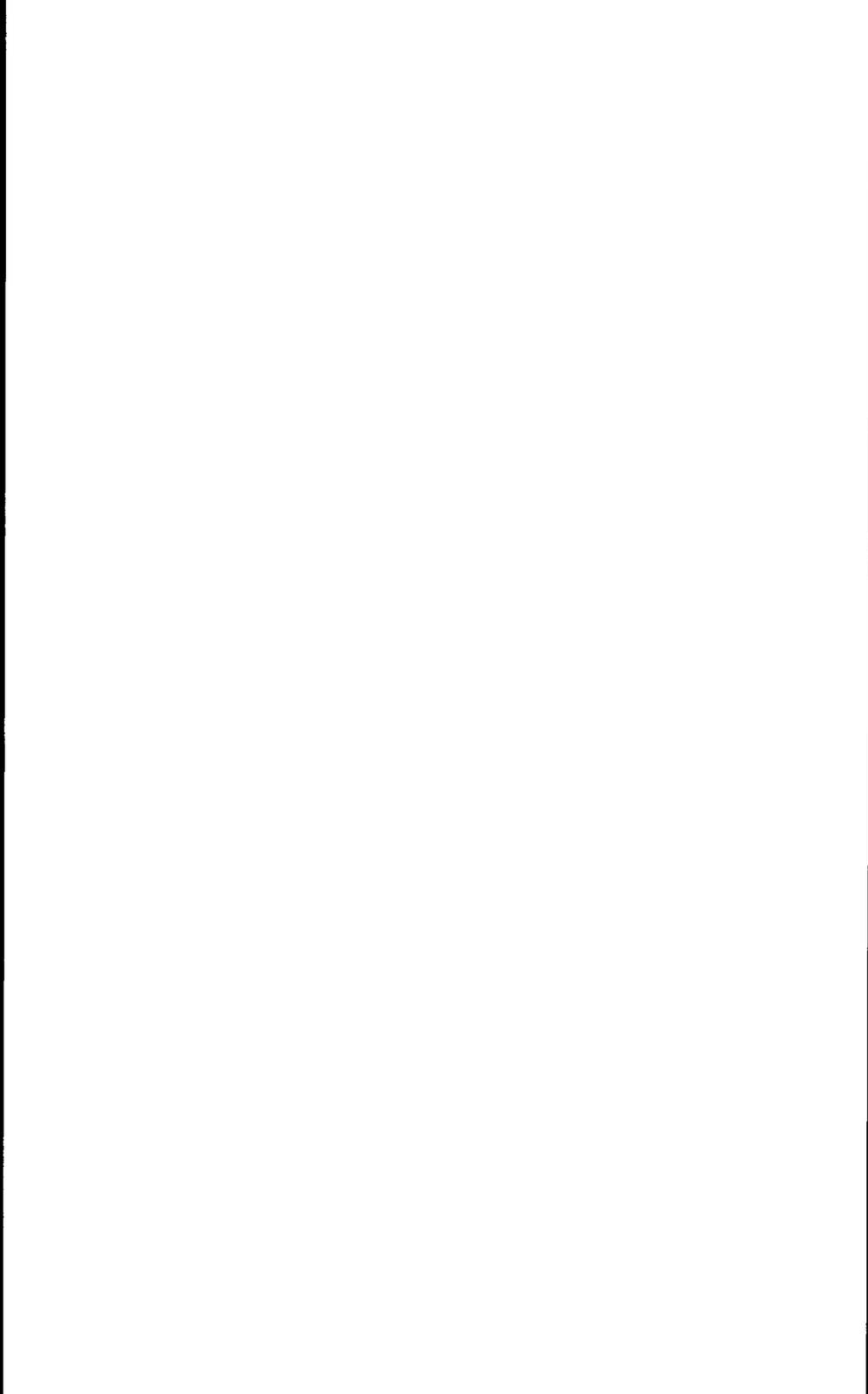
50

Meu sangue,
meus músculos,
minhas vértebras,
meus ossos,
tudo, palavra.
Poesia,
o meu ser.





Planilhas para o poema



Dedicatória

Para
aqueles que amam a curva perigosa das coisas.

Para
as pessoas que nos amparam
quando as horas findam.

Para
os que ainda não completaram sua coleção
de pérolas.

Para
os que vivem em silêncio
e cultivam um pomar de estrelas.

Para
Augusto “que ficou sozinho
cantando sobre os ossos do caminho
a poesia de tudo quanto é morto”.

Para
Lara e suas bolas de algodão.

Para
os poetas palustres, anônimos e menores.

Para
os que não têm rosto, os mortos, os nascituros.

Para
Celina, que se foi na nave da neblina.

Para
os que navegam pelo coração das trevas.

Para

“os suicidas que se matam sem explicação”.

Para

minha mãe, a relva, a comarca da minha vida.

Para

meu pai, que selou a eternidade
e se encantou na garupa dos cavalos.

Para

Henry e June.

Para

os que se dão ao gozo da loucura e creem
em dragões e serafins.

Para

os que migraram para uma geografia
sem retorno.

Para

Zorba e sua dança púrpura na praia.

Para

a voz dos cardeiros, a imponência das pedras,
o vento vergastando as arcadas da terra.

Para

Bartleby, o escriturário.

Para

os que leram Byron, Borges e Baudelaire.

Para

os que fazem da palavra a última viagem.

Para

os que vivem com o espanto na algibeira
e nunca desistem do amanhã.

Epígrafes

Fôssemos imortais,
a vida seria insuportável.

(Lacan)

A vida que poderia ter sido
e que não foi.

(Bandeira)

E viva eu cá na terra sempre triste.

(Camões)

Toda memória é remorso.

(Drummond)

Meu coração tem catedrais imensas.

(Augusto)

Nem morrer é remédio.

(Hbf)

Sumário

Do catálogo de lembranças inviáveis.

Da réstia e da luz.

Do arvoredo e seus idiomas malditos.

Do duelo e do beijo.

Há um pingo de sangue em cada estrela.

A vertigem e o desamparo.

A nomenclatura do caos.

Da flora estúpida da noite.

Alguém me espera em Amsterdã.

Tudo é para sempre.

Escrever é lutar contra a morte.

De quase nada se faz um poema.

Declaração

Declaro,
para os devidos fins,
que a terra é oca,
que Deus é uma hipótese
vazia, um cálculo cifrado,
que para o homem
não há salvação.

Laudó

Estado de alheamento
metafísico,
com sintomas de devaneio
crônico.

Tendência a vagar por aí
dentro da noite,
sem temer crimes nem fantasmas.

Um caso puramente único,
constitucional e poético.

Oração

Eterno pai, te ofereço
meu corpo, meu sangue,
minha alma
em gratidão aos primeiros
versos que me deste de graça,
e que talvez nem mereça,
pelos muitos pecados
que cometi.
Nem sempre fui fiel
a teus desígnios,
embora nunca abdicasse do amor,
perfeito ou imperfeito,
que brota de tua luz
e ilumina as ilhas do mundo.

Anúncio

Vendo
terreno sob o luar,
ladrihado
de estrelas cadentes.
Nos dias de sol,
seus dois hectares
de silêncio
são banhados por raios
circunflexos
que curam doenças da alma.
Valor a combinar.
Também troco por uma área
menor, que seja toda coberta
pelo capim da poesia.

Carta de vinhos

Loma Negra Gran Reserva
ou Sideral,
chilenos:
quando a tristeza se chegar
e tocar naquele ponto.
Bahh
ou Crepúsculos,
nacionais:
para ficar comigo
na última noite.
Montepulciano D`abruzzo
ou Palagetto,
italianos:
só se for com ela.
Pera Manca
ou Esporão,
portugueses:
agora,
que estou envelhecendo.
Châteauneuf-du-pape
ou Moet Chandon,
franceses:
para brindar com as azeitonas
da morte.

Epitáfio

Aqui jaz
aquele que nunca viveu
completamente
e poucas coisas aprendeu.
Que a morte o complete
e o eduque para sempre.

Requerimento

Eu, poeta provinciano,
aposentado, agnóstico,
leitor de Dante e Augusto,
venho requerer, a quem de direito,
um pouquinho de paz
para compor o poema menor.
A poesia é tão grande
que perdoa seus limites.
Não há outros termos
para pedir deferimento.
Comarca das pedras.
Era inverno.

Cardápio

Entrada de frios
com sabor de paraíso.

Lasanha
ao Deus dará de melhor.

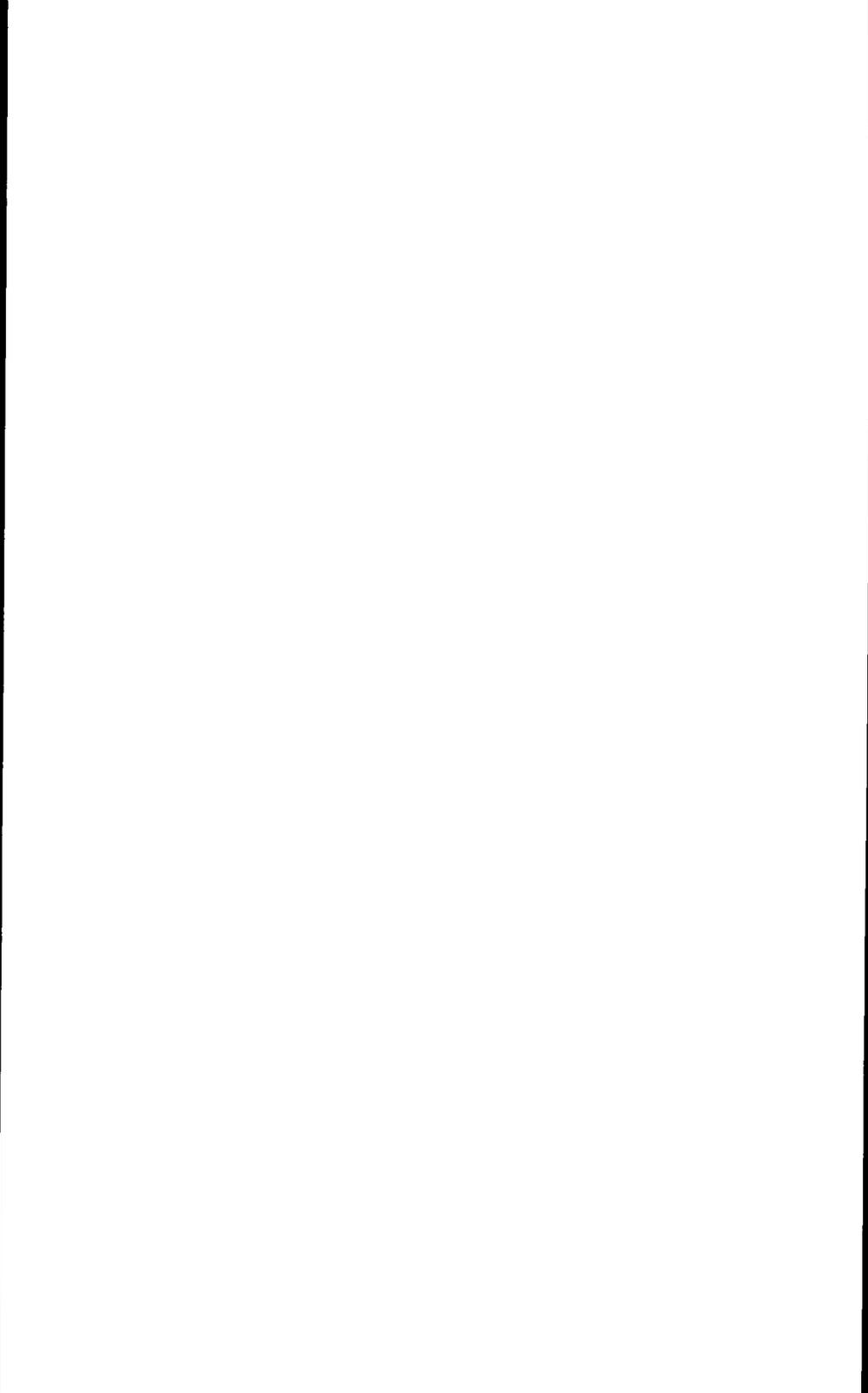
Um tinto seco
dos vales do Chile.

Contreau
com pingos de Afrodísio.

Cubanos aromáticos
invadindo a noite.

Se houver prosa,
que seja poesia!

Dez poemas no mesmo tom



1

Simples como respirar,
viver não tem roteiro.

Dou-me ao dia,
só a noite me tem.

Muito além dessa casa de gelo
há montanhas que desabam
no lábio da planície,
e tudo passa como a nuvem
que não é nuvem,
como este verso que não se realiza.

2

Há uma poesia rarefeita
nas coisas da rua.

Não é a lua de ontem,
que se esgotou no plasma
do romantismo.

O pedinte me pede,
o ladrão me assalta,
ela me chama para o calor da cama.
Sou apenas um inocente
que ama o milagre da palavra.

3

Hoje vou sair por aí
e fazer pouso na alquimia
do verso.

Sondar sua luz e com sua luz
iluminar as trevas do mundo,
antes que o mundo se despedace,
e eu me perca para sempre
na cósmica poeira.

4

Estou velho,
o silêncio, com suas esporas,
fustiga o meu corpo.

Minha alma está ferida
porque o tempo me devora
com seus instrumentos pontiagudos.

Tenho facas
e um velho revólver esquecido.
Como resolver essa questão?

5

Peço perdão aos poetas,
meus irmãos!
Se a rima é pobre
e não é solução,
fiquemos com o verso branco.

Nele há todas as cores
que não têm nome,
uma poesia que a forma fixa
não captura nem suporta.

Ser homem é isto:
um cisto que não tem cura.

6

Passei minha vida no mesmo lugar.
Não conheço outra geografia
que não seja a solidão de meus dias,
o mesmo deserto que por perto
me habitou.

Nunca fiz grandes viagens.
Quase não saí de meu bairro,
mas olhava as esquinas do céu,
toda paisagem que se desenhava
no mapa de tua pele.

Foi ali que habitei como um monge,
sem consultar cartas nem guias.
Só esta oração me conduzia.

7

Estou por aqui no meio do nada.
Esta cidade enorme me comprime,
a solidão troca tapas
com a melhor palavra do poema.

E nada muda, nada acontece,
a não ser a mesma coisa:
o incesto, o golpe, o crime, a merda,
e meu poema que se suicida.

8

Escolher a palavra
não faz o poema.
Viver, muito menos.

Aos vinte botei
uma exclamação no meu destino.
Era tanta coisa!

Ceguei aos trinta, quarenta,
cinquenta, sessenta...

Adoro mulher, filhos e filhas.
Só não aprendi a suportar
a lógica dessa prosa toda.

9

Faz tempo
que uma imagem me visita.

Bebo tanto,
e a vida não muda de cor.

Sei dos provérbios,
mas não os pratico.
Toda sabedoria é exigente
como a última utopia.

Envelheci e nada aprendi.
Meus tecidos só me doem.
Meus olhos só veem a íris
de outras coisas.

Por enquanto
vou ficando por aqui,
sem nada compreender,
sem que ninguém me compreenda.

A poesia, que tanto amo e procuro,
não seria exatamente isto?

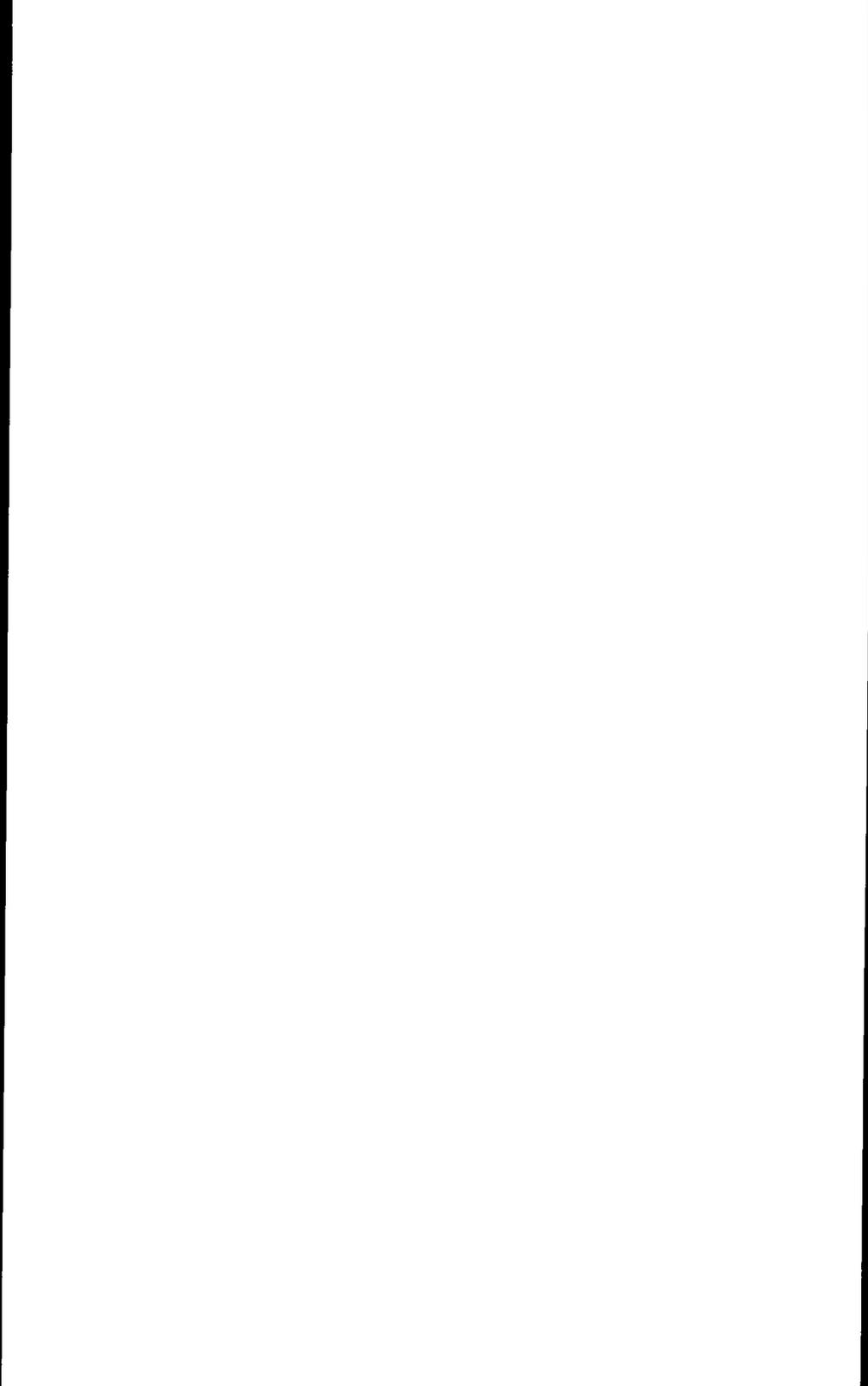
10

Nem chegaste em outubro,
com seus dias trágicos.
Agosto já passara, abril
se fora no balanço da crueldade.

Os meses não são nada.
O tempo não é nada.
Meu relógio
já marca a hora final.

São três da tarde,
a vida se esvai no batimento
dos ponteiros.

Leituras



Nauro Machado

Entranhada na alma,
eis a lama de São Luís,
uma vela acesa e cheia de pus
ao sabor da ilha que adormece
na masmorra dos versos.

Era crepúsculo,
o último bêbado se ia
para o continente.
Alcântara era o deserto.
Jesus esperava
o último poema de Nauro,
para abençoar o aquático
desespero, o anafilático
fio de esperança.

Shopenhauer

Não existe logos.
Balela essa história de primeiro motor.
Não há bem nem belo.
Deus é mentira.
Onde harmonia na natureza?
Nenhuma história é racional.

Zenão,
Aristóteles,
Platão,
Paulo,
Schelling,
Hegel,
uns falastrões.

Kafka

Só na solidão
me sinto absoluto.
Se o leio, sofro a metamorfose
de Gregor Samsa;
sei que não escaparei ao processo
da vida.

Nunca mais sairei daquele castelo.
Pouco me lixo para a sentença final.
Minha linguagem é um relatório de gelo,
o espetáculo do faquir,
a porta de um país sem lei.

Rilke

Sei que existem anjos e panteras.
É na infância que se esboça tudo,
o tempo, o amor, as palavras.
Sei das regras, da lei do verso,
do Apocalipse.
Sei de Lou Andrea Salomé,
da loucura de Nietzsche
pelos seus olhos de fogo.
Sei do sabor difuso das elegias
invadindo o castelo da poesia.

Baudelaire

Ser rei de um país chuvoso
também seria o meu desejo.
Domar o decassílabo como se beija
a primeira mulher na última noite,
e fechar o soneto para sempre.
Só o *spleen* salva o sal de tuas palavras
derramadas sobre a tristeza de Paris.
Paris, seus terraços, espaços
de cansaço e melancolia.

Augusto

Debaixo deste tamarindo
escrevi da sombra o meu monólogo.
Pus Jesus Cristo no cume da serra
e me fiz na paleontologia dos carvalhos.
Guilhermina me deu de beber o leite
da poesia, e a várzea se estendia, verde,
como as árvores da Ilha de Cipango.
Não me importa a mecânica nefasta
da vida, serei sempre o que ficou sozinho
cantando, sobre os ossos do caminho,
a poesia de tudo quanto é morto.

Bandeira

Não há preparação para a morte,
mesmo que a morte seja
o fim de todos os milagres.
A vida não poderia ter sido
nem na Pasárgada do rei.
Vale, sim, a estrela da tarde
que cintila a glória do beco.
Todo poema teu é uma antologia.
Todo verso teu, um alumbramento.

Heidegger

Envelheço
e mais me aproximo
do que sou,
um ser-para-a-morte,
tão vivo,
tão lucidamente vivo
como a luz deste instante
que reluz e finda.

Virgínia Woolf

Se não fizer este poema,
Ficarei louco.
Louco já sou por Virgínia Woolf
e suas ondas de palavra
na cabeça do abismo.

O seu rio foi o Ouse
depois do farol.
O meu é o Paraíba mesmo
com suas águas temporárias
e o suicídio de sempre.

Bom ler você.
Beleza e mistério até morrer.

Joan Baez

Hoje vou sair por aí
só com ela e mais ninguém.

Vou pegar carona no vento,
abrir outras janelas, tocar
da noite o sigilo, frequentar
outras montanhas, olhar outros
olhos, beijar outros lábios,
esticar meu corpo numa planície
estendida como um verso de T. S. Eliot.
Ela vai estar, à minha espera,
naquele bar metafísico, com a voz
de Deus.

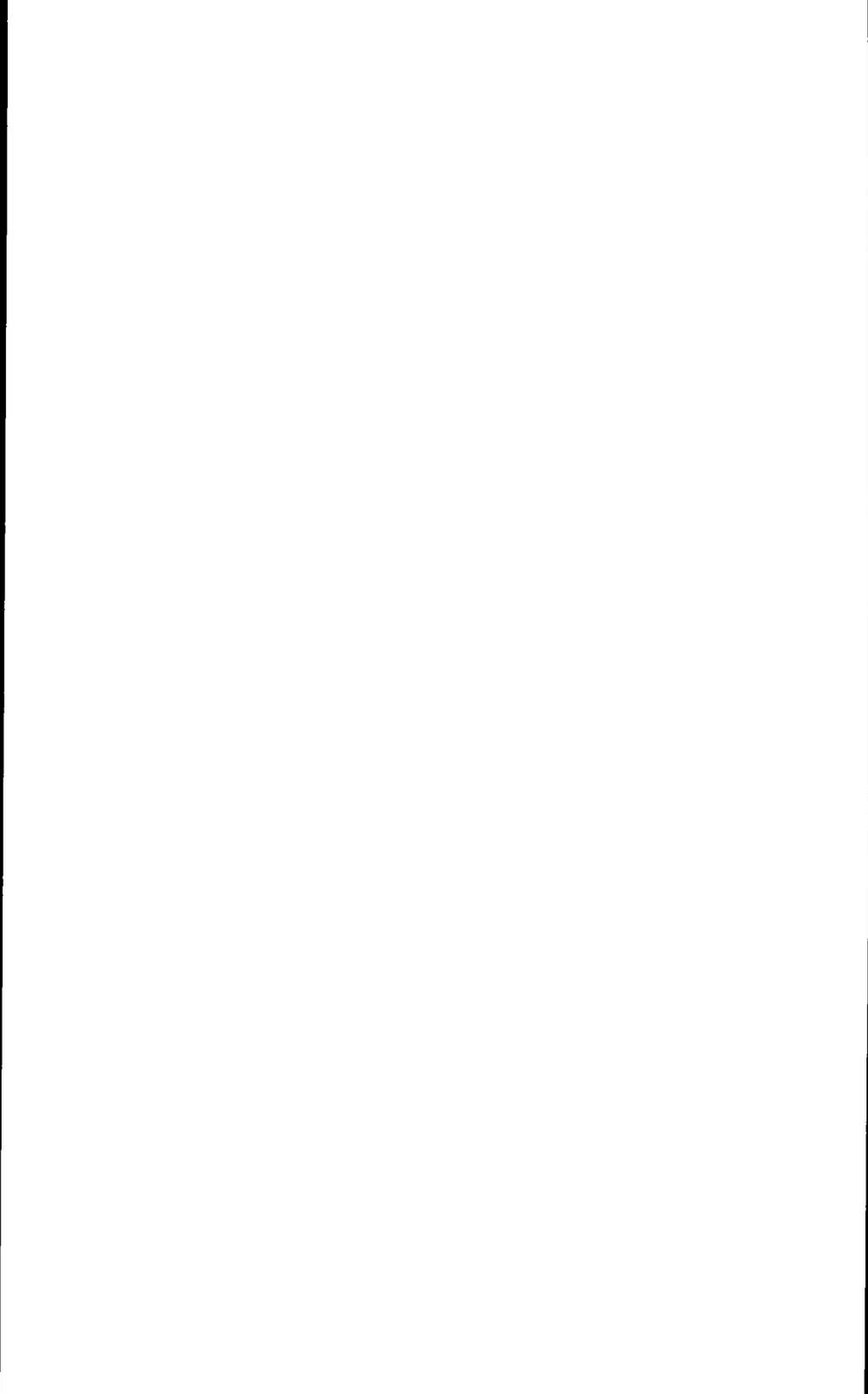
Ela vai me acariciar a maldita solidão,
ela, que nunca conheci,
que por mim tanto fez a vida inteira,
Joan Baez,
com sua voz de pluma e aço,
agora, que da vida me desfaço
quase feliz.

Cesária Évora

Longes, os caminhos,
mas tua voz tão perto.
Há, sim, um deserto de luz
quando cantas.
Alumbramento naquela canção.
No tom, só lamento.
Calor e ternura
no ritmo santo e sensual.
Te ouvir é bom
como tocar o silêncio,
acariciar as pétalas do campo,
voltar para Cabo Verde.



Outros Poemas



Modernidade

O homem adoeceu,
o sujeito se desintegra,
não tem sentido procurar salvação,
tudo é vontade cega e insaciável,
a angústia é a única substância da alma,
a alma virou mercadoria.

Terra áspera

Queria repousar na eternidade
sob o calor dessa terra áspera
onde meus avós e bisavós tangeram
gado e semearam o silêncio das lavouras.
Dentro dos órgãos dessa terra áspera
quero apodrecer e ser esquecido,
sem que nada macule o anonimato
dos meus ossos indiferentes
à glória da vida.

Assim terei o meu tempo de paz,
ao me fundir com a química da terra,
dessa terra áspera, o ser e o nada
irmãos para sempre.

Memória

Meu avô dizia:

— Vai dar um bom vaqueiro.

Meu pai só me queria
advogado.

Fui para as lides
da vida, não dei em nada.

As palavras me condenaram
no tribunal do poema.

Para que serve o poeta

Para jogar pedras nas estrelas,
ou fazer estrelas com as pedras
da palavra.

Para vender seu pescoço
ao preço da eloquência
ou da inutilidade da perfeição.

Dar seu coração aos dentes
da cobra que morde o rabo
como a primeira quimera.

Quisera!

Poeta não serve para nada.
Mas é ele, o poeta, que põe o sal
na boca dos peixes,
dá de comer à fome ancestral
que nenhum deus diminui.

Quem, na calada do poema,
ensaia emblemas da vida e da morte
como ninguém.

Por que és um homem

Por que és um homem,
quase nada tens.

Essa terra, com seus nervos
e seu sangue, nunca te pertenceu.
Muito menos a gota de luz
que o sol derrama
sobre a solidão dos bichos mortos.

Esse rio temporário,
suas crestadas cacimbas,
suas margens tortas e opacas,
suas pedras encantadas,
tocadas pelo perfume dos fantasmas
que habitam as castas cisternas
abissais.

Essa casa cheia de fábulas
ancestrais,
a mobília que guarda o aroma
dos ventos,
o relógio na parede, a canastra,
o oratório com santos decepados
fora estão de teu minifúndio
memorável.

Nem o retrato de teus avós
sumidos no tempo
integra o espólio de bens
que não herdaste.

Por que és um homem,
quase nada tens.

Nem a fístula de um verso
que possa exprimir o amianto
de existir.

Academia

Essa é uma casa estranha.
Portas antigas, paredes vetustas.
Só mortos abriga essa casa
ou o blefe da eternidade.
Seus livros estão lacrados,
e a poeira do tempo cobre
a clausura do passado.
Em cada cadeira, um fantasma;
em cada fantasma, o futuro
epitáfio;
em cada epitáfio, palavras de pedra.
Sempre haverá uma vaga
para quem sonha seu rosto
na galeria dos mortos.
É muito estranha essa casa.
Para sempre, um labirinto.
Patronos, fundadores, sucessores,
sem o fio de Ariadne.

Sinais

Tempo nublado.

Outras chuvas virão.

Durante a noite alguém se afoga
pela milésima vez.

O ar está pesado.

O mistério se esconde sob o sol
de verão.

O mar é um pântano.

Os barcos se vão para os cascos
da morte.

Quem disse que o homem está salvo?

Quem disse que Deus dorme na praia?

Quem disse que a poesia respira
a areia e a espuma?

Tempos nublados.

O poema apenas espreita

o Apocalipse.

Meditação

Não é a felicidade,
apenas envelheci.
Cabelos brancos, carnes flácidas
e uma quase certeza de que tudo
é assim mesmo, sem sentido,
como a luz que ilumina e incendeia.

Vou ficar por aqui escrevendo
os poemas que não fiz.

A vida passando nesta tarde,
neste bar,
como um gole que se bebe
pela última vez.

Foi para isto
que vim parar aqui?

Ainda bem que a água corre
pela palma de minha mão,
que Pessoa, meu canário preferido,
canta os versos doidos da manhã,
e a minha alma sofre
como um bem-te-vi.

Estarei aqui por acaso?
Que bíblia, que alcorão
me respondem a dor de existir?

Estou nem aí.
Li Platão, os cínicos, os céticos,
os estoicos, e só aprendi
as verdades do erro.

Vou fazer meu poema
como sempre fiz.
Perdoar a mim mesmo
e ser feliz, infeliz.

Raízes

Na verdade, nunca saí dali.
Se fui a Paris e a seus tormentos,
foi no navio do sonho.
Minha capital é aquela pedra
que me vigia desde o dia em que nasci.
Meus poetas foram meus bois
e meus cavalos.
Neblina, a novilha mais fina,
se fez metáfora da vida inteira.
Sob aquela árvore, no meio da caatinga,
jazia a minha Amsterdã,
o meu Van Gogh, o estampido
do tiro na garganta.
À beira da lagoa, na casa defronte,
repousavam a beleza e a tristeza
dos velhos países.
Nunca vou sair dali.
No meio dos espinhos
e sob as facas do sol
teci o aroma do meu destino.
Menino do Cariri,
me acostumei aos ventos da morte,
pois, lá no Norte, tudo aprendi.
A água e a letra,
a passagem do cometa,
suas sombras de carícia no meu verso.
Meu universo é aquela pedra.
Nunca saí dali.

Comédia

(Glosando um poema de
José Nêumanne Pinto)

No meio do caminho de minha vida,
Dante me convidou para beber
o vinho da poesia.
Virgílio nos acompanhou pelas estradas
da terra devastada,
e T. S. Eliot nos esperava na esquina
do inferno,
porque era lá o lugar das nossas vidas.
Passei pelas feras dentro da selva
escura,
e você me veio, pura luz,
para me ditar o caminho do amor
e dos tercetos.
Nem careço de estrelas para inscrever
o meu desejo aquém e além da glória.
Sou um peregrino sem bússola
nem jazigo.
Sozinho estou à beira do caminho
de cidades sitiadas,
mas tenho o seu amor percutindo
no centésimo verso que abre
o meu poema para a música da vida.

Depois de viagem tão sofrida,
nada mais quero,
a não ser o seu sorriso que Deus
inveja,
a sua beleza que a Deus escapou,
quando pensou na perfeição
da eternidade.
Tocar as suas mãos me prepara
para o abismo da palavra.
Beijar os seus cabelos é ter um pouco
a chuva dentro de mim.
Não escrevo comédia,
não são divinas as estrofes
de minha emoção,
mas me faço inteiro poema
para percorrer, com você,
os círculos infernais,
as escarpas do purgatório
e habitar, para sempre,
a planície do paraíso.

Nihilismo

É assim mesmo:
perde-se o calor das ilusões,
o sabor das horas se dissolve,
toda cor é branca,
todo adjetivo é pálido,
vazio é o substantivo maior.
Nada tem mais importância,
a contingência comprime os sentidos,
inútil é toda paixão,
nenhum alento, moral nenhuma.
O verso se faz estéril,
o poema, nem mais o ser,
apenas nada.

Poema I

Envelheço,
e meus poemas envelhecem
comigo.

Nunca fui grande poeta,
mas também não sofri por isto.

Sofri por coisas mais graves
ou mais bobas, não sei.

Uma distância qualquer,
uma espera inútil,
uma pedrinha no começo
do caminho,
um verso de Cecília,
uma mulher bonita
no gozo e na glória de existir.

Mas tudo passou,
tão veloz e tão perfeito
como o que foi e o que há de ser:
viver, morrer.

Poema II

Passo a espuma no garfo
e lavo a louça,
com seus talheres de vidro.

De vidro é a minha alma,
embora meu carro só tenha
peças e acessórios de dor.

Passei a minha vida
atrás do amor, emboscado
naquele verso melhor.
Mas o pior de tudo:
nada encontrei.

Amor não se lava,
verso não se perfuma.

Meu carro ficou velho,
bateu na esquina,
e o tempo que me resta
acabou.

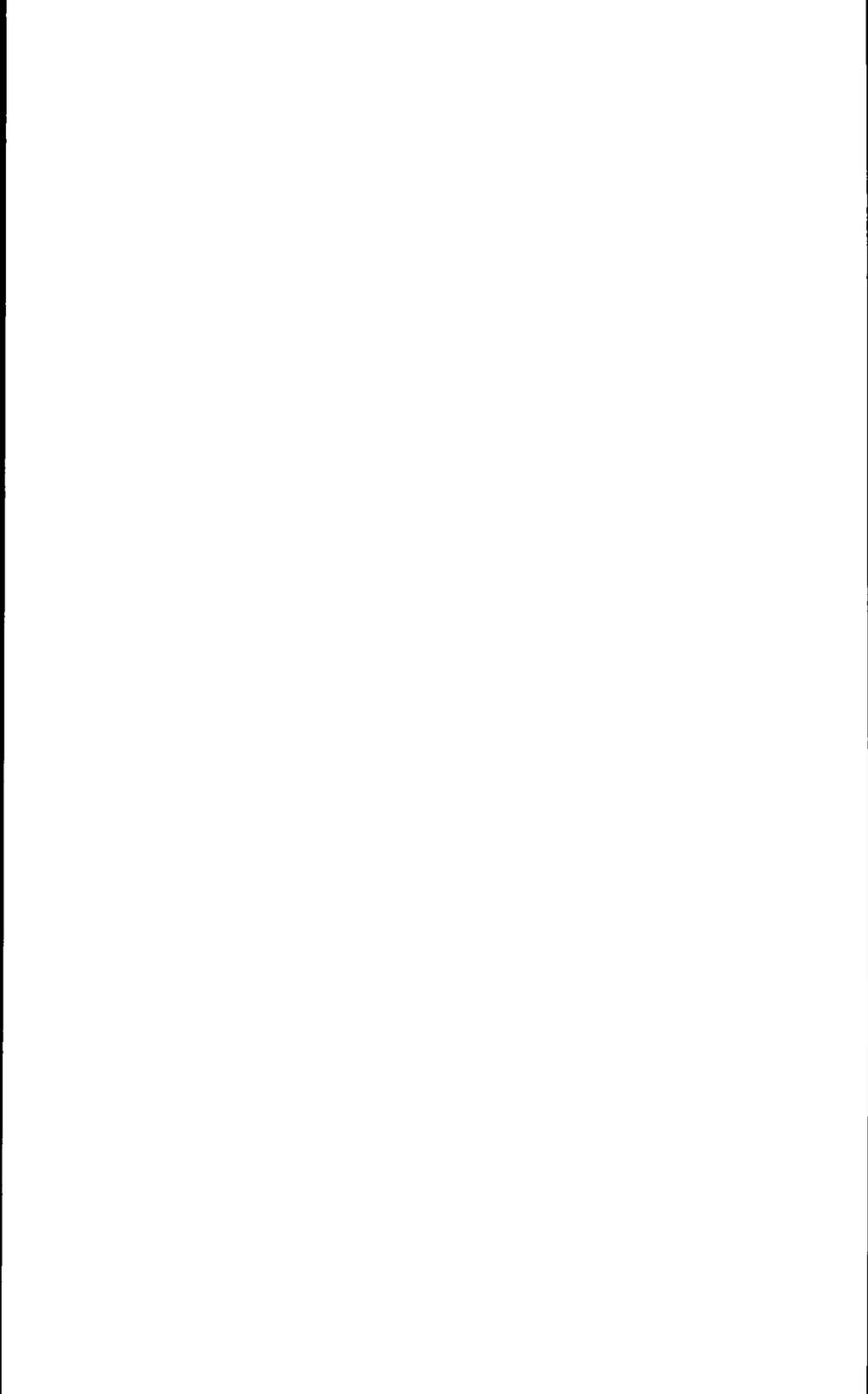
Poema III

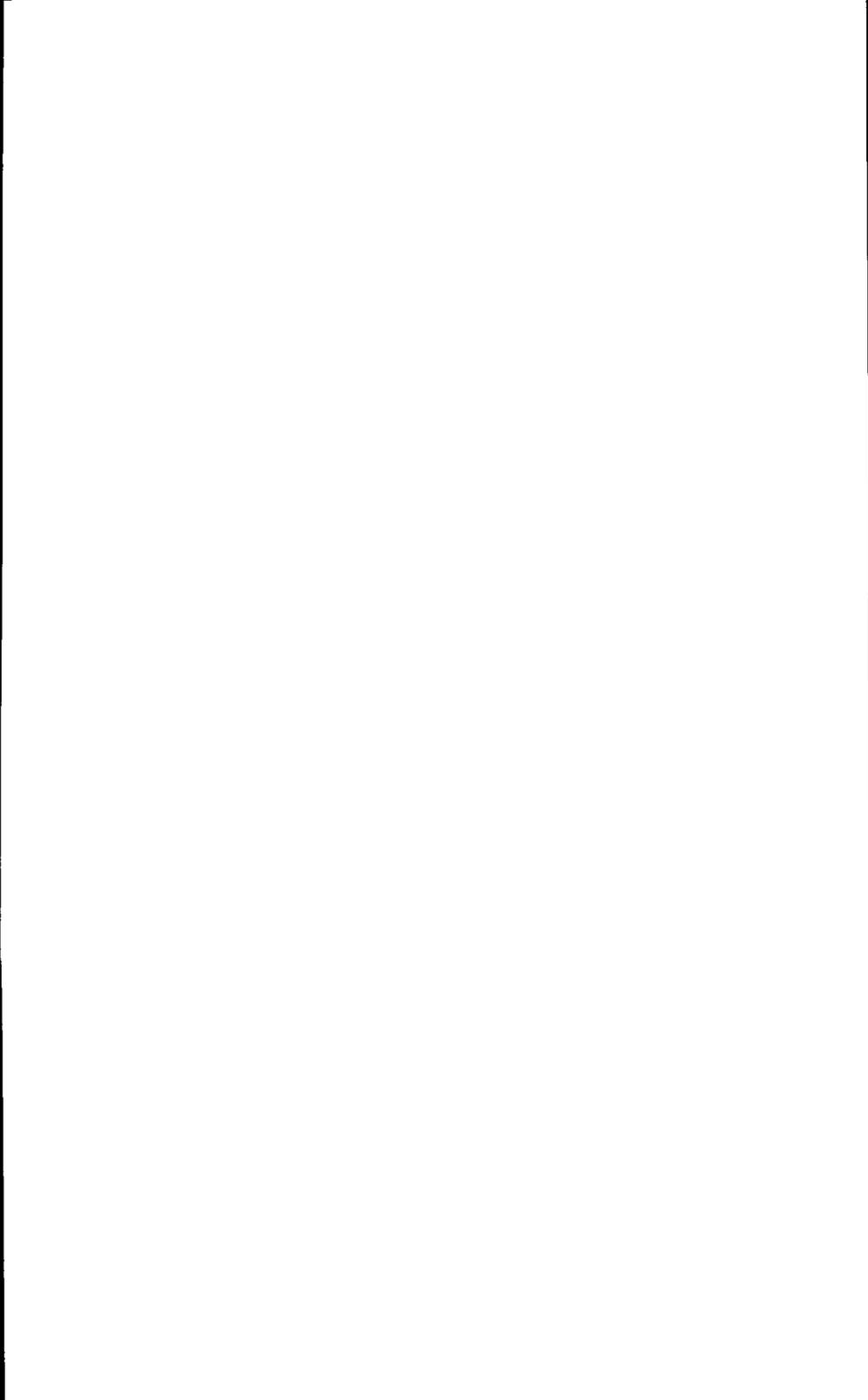
Alguma coisa
se perdeu dentro de mim.
Não foi Deus
nem qualquer coisa assim
que não me dá jeito.

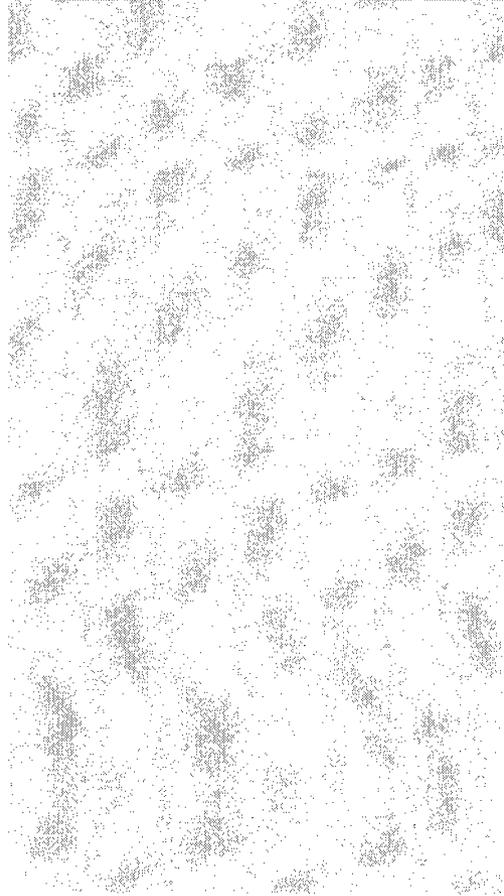
Meu coração é um estreito
que pulsa sem saber.

Faço versos para não morrer,
mas meus dias estão contados
como os seus.

Ainda bem que o poema
é a casa que me tem.
O meu lugar, o meu tempo,
aquém, além, amém!







“Ao submeter a poética da criação à metáfora da morte, Hildeberto faz irromper uma estética do desassossego. E como não há morte onde não haja vida, a paixão, o amor, o erotismo e o desejo insuflam os versos demasiado humanos, esculpidos no barro da impermanência. {...} Há muito de fáustico nessa estética do desassossego. Melhor dizendo, há a excitação do demoníaco, o desejo de tragar o mundo em goles de desespero, conhecer 'o sabor do perdido', permanecer 'disposto a tudo', inclusive a descobrir 'Deus como uma falha' dentro de si... {...} Ao fabular a morte como a única metáfora, o encantador de palavras avança pelos domínios dionisíacos, apenas o faz com a presciência de quem já desceu muitas vezes aos infernos, guiado por poetas que lhe indicaram saídas e cujos nomes permanecem, em belos epitáfios, gravados nas palavras-pedras dos versos que homenageiam, em suas 'sílabas polidas', uma galeria de imortais – Dante, Petrarca, Camões, Baudelaire, Eliot, Drummond... {...} Sequer precisamos dizer que, nas mãos treinadas do artífice, a poética da morte não sucumbe ao lúgubre, antes produz um caleidoscópio de imagens multicores de vida, de maneira que, embora o próprio poeta confesse 'morrer em cada palavra', este belo livro não nos confina em poemas-túmulo. Não que a percepção da morte como 'a única metáfora' seja apenas artimanha, artifício, estratégia retórica. Para além de qualquer teorização mais ou menos sofisticada sobre o Eu lírico, decifra-se, em palimpsesto, ritos e mitos de escrita de um homem-humano que sonha e deseja a vida em plenitude, mas já não quer ou já não pode confrontar a finitude senão com os olhos abertos”.

Sanda Luna, em Apresentação ao livro *As palavras me escrevem* (2019)



Hildeberto Barbosa Filho nasceu em Aroeiras (PB) em 1954. Professor titular aposentado da UFPB. Mestre e doutor em Literatura Brasileira. Ocupa a cadeira número 6 da APL – Academia Paraibana de Letras. Colaborador semanal do jornal A União, assinando a coluna “Letra Lúdica”, e da revista Correio das Artes, com a coluna “Convivência Crítica”. Poeta, ensaísta, crítico literário, cronista, com inúmeras obras publicadas.

ISBN 978-65-5608-232-5



9 786556 082325